

Frejat: saúde melhora, procura cai DF

A eliminação de horas extras dos médicos que atuam na Fundação Hospitalar do DF é consequência da redução na procura ao atendimento ambulatorial de determinados hospitais, o que por sua vez, é decorrência da atividade dos Centros de Saúde. Esta é a explicação do secretário de Saúde, Jofran Frejat, que se mostrou bastante irritado com as críticas do presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva, sobre a medida, determinada recentemente pela Secretaria de Saúde.

Para Jofran Frejat, estas "acusações sem base e inconsequentes servem a alguns propósitos, um dos quais é a defesa de interesses de grupos, que se sentem prejudicados financeiramente". Ele diz lembrar-se, com as acusações que agora estão sendo feitas, "da época em que a FHDF tinha o **pro labore**, o que provocava uma verdadeira guerra entre os médicos já contratados no sentido de impedir novas admissões, uma vez que estas implicariam na necessidade de subdividir esta forma de remuneração".

É falsa, segundo o secretário de Saúde, a afirmação de que o quadro médico da Fundação Hospitalar é insuficiente. "Para uma população de 1 milhão e 200 mil pessoas, temos hoje 1.600 médicos, sendo que a Organização Mundial de Saúde considera como proporção ideal um médico para cada um mil habitantes, o que nos dá uma vantagem claramente superior", enfatiza o secretário, lembrando ainda que, no seu terceiro ano de gestão, já foram realizados dez concursos para admissão de médicos para a Fundação Hospitalar.

Ele garante também que "isto é tão verdade que já não se consegue, em Brasília, médicos obstetras e ginecologistas para preencher vagas do quadro de pessoal da FHDF, motivo pelo qual não se conseguiu ainda estes especialistas para atuarem em alguns Centros de Saúde".

ATENDIMENTO

A afirmação feita por Carlos Saraiva de que o padrão de atendimento na rede hospitalar oficial está decaindo e de que os Centros de Saúde fazem uma "medicina de engodo" é contestada por Jofran Frejat, para quem "contra fatos não há argumentos". Abrindo uma coletânea de notícias sobre saúde no DF, o secretário de Saúde argumenta "que já não se vê manchetes do tipo: multidão arromba porta de hospital, filas causam tumulto, vende-se lugar em fila". Por trás disto, assegura, está não só um bom atendimento em termos de quantidade quanto de qualidade.

Só nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano passado foram atendidas 247 mil pessoas na Ceilândia, 164 mil das quais em ambulatorios e 83 mil na emergência, o que dá uma proporção de 30% de atendimentos emergenciais sobre o total de atendimentos. Os ambulatorios do Hospital da L/2 Sul tiveram reduzidos em 60% a sua procura e o Hospital Distrital de Base, de sete mil consultas mensais em ambulatorios, teve este número reduzido para menos da metade: três mil. "Como querem agora dizer que estou priorizando o atendimento emergencial e que o padrão de assistência médica está decaindo?" Esta é pergunta que faz Jofran Frejat,

assegurando que se isto foi conseguido não foi por causa de uma "medicina de engodo", mas de um trabalho sério, onde se procura, através de uma série de procedimentos (curtos, palestras, acompanhamento médico a crianças e gestantes, controle de vacin角度es e outros), educar efetivamente a população para a saúde.

MORTALIDADE

Para ele, seria interessante que o presidente do Sindicato dos Médicos explicasse como se conseguiu reduzir a 33,5% o índice de mortalidade infantil por mil crianças nascidas vivas anualmente, sendo o DF a unidade da federação melhor situada nestes termos. Este dado, como outros relativos a taxa de atendimento e mortalidade de adultos caracterizam, segundo Frejat, um desempenho que "só está sendo criticado pela vontade de acusar".

Ele não aceita também a crítica de que na FHDF reina um clima de perseguições e terror, dizendo não acreditar que a classe médica esteja de acordo com a colocação. "Se há fiscalização de horário, não se pode argumentar que isto seja perseguição, apenas cumprimento de um contrato de trabalho. A proibição de colocações de avisos em quadros não partiu de mim, fazendo parte da regulamentação da própria FHDF no sentido de se evitar uma série de abusos que surgiram e são evitados quando o diretor da unidade hospitalar analisa o comunicado, autorizando sua exposição em quadro competente", explica.

Horário para reuniões existe, garante Frejat, lembrando que as quatro horas que o médico tem para enfermária "servem para isso. Mas o que estão querendo, ao fazer estas colocações, é que se ressuscite antigos privilégios de pessoas como o próprio presidente do Sindicato, que em um mesmo dia e horário, tinha plantão tanto no HSU quanto no Hospital Regional de Taguatinga. O que não dá para entender é o seu dom de ubiquidade".